

LETRAMENTO DE SURD@S EM L2: DESAFIOS DA INCLUSÃO.

Ana Maria Zulema Pinto CABRAL. (IFPB). Marcelo Vieira da NÓBREGA.
(UEPB). zulemapcn@hotmail.com; vi2002@uol.com.br.

RESUMO

Vivemos em um mundo globalizado, no qual as novas tecnologias informacionais já fazem parte do nosso cotidiano e exigem diferentes práticas de letramentos, desde a leitura/escrita de um simples bilhete, mensagem no SMS ou no *whatsapp*, até a leitura/produção de artigos científicos. No entanto, todas essas situações exigem do sujeito protagonista a condição de saber usar a língua escrita nas suas mais diversas manifestações e suportes. A partir de tais pressupostos desenvolvemos a pesquisa com nove surdos, não fluentes em Libras, que estudam em escolas regulares ditas inclusivas e que participaram do Curso de Extensão de Libras, *Incluindo Surdos e Familiares em Libras: a voz e a vez dos sem voz e agora com vez*, promovido pelo CCHE - UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) Campus VI, situado na cidade de Monteiro (PB), entre os anos de 2011 a 2013. O objetivo desta pesquisa foi verificar o nível de letramento destes sujeitos em Português como L2. Para tanto, nos pautamos em Soares (2004); Ferreira-Brito (1993); Góes (2000); Vygotsky (1987;1997; 2003); e Bakhtin (2006). A coleta de dados realizou-se em duas aulas do Curso supracitado. Para verificar o nível de escrita em Português dos alunos nos utilizamos da atividade intitulada *ditado sinalizado*. A análise dos dados comprova prejuízos educacionais acumulados por tais sujeitos ao longo de sua escolaridade. Ademais, também nos leva a alguns questionamentos quanto à inclusão da pessoa com surdez nos moldes que ainda temos na atualidade.

Palavras-chave: Letramento em L2. Inclusão. Surdos sem Libras

ABSTRACT

LITERACY OF DEAF PEOPLE IN L2: CHALLENGES OF INCLUSION.

We live in a globalized world where new information technologies are already part of

our daily lives and require different literacies practices, since the read / write a simple reminder, text or whatsapp, to read / produce of scientific papers . However, all of these situations require the main subject to know how to write in different language manifestations. Based on these presuppositions, the research was developed with nine deaf people. They are not fluent in LIBRAS and they studying in regular inclusive schools which participated of LIBRAS Extension Course, The Inclusion of Deaf people and their families in LIBRAS: the voice and the chance of the voiceless, but now with chance, promoted by CCHE - UEPB (State University of Paraíba) Campus VI, located in Monteiro (PB), between 2011 to 2013. The objective of this research was to determine the literacy level of these people in Portuguese as L2. Thus, the research was based on Soares (2001); Ferreira-Brito (1993); Góes (2000); Vygotsky (1987;1997; 2003); and Bakhtin (2006). The data was collected in two classes of the Extension course. The level of Portuguese students writing was checked using the activity entitled dictated flagged. Data analysis confirmed educational losses accumulated by these people throughout their schooling time. Furthermore, it also leads to some questions about the inclusion of people with deafness in ways which still have today.

Keywords: Literacy in L2. Inclusion. Deaf people without LIBRAS.

Introdução

A inclusão de pessoas com deficiências tem sido uma discussão recorrente, tanto no cenário internacional quanto no nacional, desde final do século XX e início do século XXI. As discussões tratam da inclusão sobre todos os aspectos: escolar, social, digital dentre outras. Dentro desse universo de pessoas com deficiência destacaremos os surdos em meio a tantas políticas de inclusão que está diretamente relacionada a globalização e a popularização das tecnologias comunicacionais e que tem suscitado diferentes práticas de letramentos desde a leitura/escrita de um simples bilhete, mensagem no SMS ou no *whatsapp*, até a leitura/ produção de artigos científicos. No entanto, todas essas situações exigem do sujeito protagonista a condição de saber usar a língua escrita nas suas mais diversas manifestações e suportes. Mas, nem todas as pessoas lidam como tais práticas de modo satisfatório. As dificuldades para realizar essas novas exigências sociais têm origens diversas, pois no mundo pós-moderno informatizado são exigidos



múltiplos letramentos. No entanto, na base de todas as modalidades de letramentos está a condição de saber usar a língua escrita, no nosso caso o Português escrito. Mas como acontece esse processo com as pessoas com surdez que não são fluentes na sua L1, a Libras? Como é relação destes surdos com o Português escrito? Acerca da aquisição tardia da Libras Góes (2000, p. 29), afirma

Sabe-se que as crianças surdas têm poucas oportunidades de adquirir precocemente a língua de sinais e, com isso, é protelado, às vezes longamente, o processo de sua constituição como sujeito bilíngüe – como alguém que pode relacionar-se com outros na Língua de Sinais e na Língua Majoritária dos grupos ouvintes. Incluem-se nessa situação os filhos de pais ouvintes, que compõem a grande maioria da população de surdos. Essa condição protelada, além de ter efeitos marcantes na formação da pessoa, produz as muitas histórias de fracasso escolar em casos de surdez.

A aquisição tardia da Libras mencionada por Góes é um dos maiores problemas na educação de surdos, pois acaba por protelar a aprendizagem da L2, o Português, e por conseguinte dificultando as práticas de letramentos que a sociedade requer. Esta realidade, ainda, é predominante em muitas regiões do Brasil. Esta situação acontece porque o surdo mesmo estando fisicamente imerso na Língua Portuguesa não pode acessá-la em função de sua deficiência auditiva. E como afirma Bakhtin/Voloshinov (2006, p.123),

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

A partir da fala dos autores russos entendemos que está imerso em uma língua passa obrigatoriamente por acessá-la de modo natural, interagir. Para os surdos, o Português



oralizado é uma muralha de vidro transparente inacessível. Deste modo, o surdo vive em um ambiente linguisticamente inadequado. Ao discutir sobre a importância que a língua de sinais tem na aprendizagem do Português escrito Ferreira-Brito (1993, p. 70), afirma que

dada a função mediadora que desempenha no processo de aquisição da escrita é na Língua de Sinais que o surdo poderá apoiar-se para efetuar a leitura da palavra escrita. Nestes termos tem-se que reconhecer que há intermediação da ‘fala’ no processo de aprendizagem da escrita. E a ‘fala’ para o surdo seria sua Língua de Sinais, importantes na interpretação de textos, na criação de expectativas e na recriação do discurso escrito.

A citação acima destaca a imprescindível função da Libras na aprendizagem do Português como L2, pois ela terá a função de mediar, de acessar a língua que está sendo estudada ao mesmo tempo que serve de modelo linguístico no qual o surdo se pauta. Sem o conhecimento da língua escrita as práticas de letramentos ficam prejudicadas e, por conseguinte, a inclusão do sujeito na sociedade fica limitada. Para os surdos que tiveram aquisição tardia da Libras a primeira barreira a ser vencida é de ordem linguística de conhecimento de sua L1 e a segunda é tornar-se uma pessoa letrada. A cerca do letramento Soares (2001 p.18), afirma que este “é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. O mundo tecnologicado tem suscitado diferentes estudos na área dos letramentos e hoje são exigidas não só práticas de letramentos, mas de multiletramentos, no entanto, o uso da língua escrita continua sendo base para os diferentes estudos dos (multi)letramentos.

Metodologia

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa de campo, de natureza quali-quantitativa, realizada com nove surdos que participaram do Curso de Extensão, *Incluindo Surdos e*

Famíliares em Libras: a voz e a vez dos sem voz e agora com vez, promovido pelo CCHE - UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) Campus VI, situado na cidade de Monteiro (PB), entre 2011 e 2013. Este estudo objetivou verificar o nível de letramento destes sujeitos, para o qual na perspectiva de Soares (2001 p.18) “letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. No primeiro momento focamos o estudo no nível de escrita do Português como L2 para os surdos. O grupo de surdos pesquisado é heterogêneo não, só no tocante à idade como também com relação ao nível de escolaridade. O perfil dos sujeitos pode ser melhor observado a partir do Quadro abaixo.

Quadro 01- Idade, escolaridade e sexo dos sujeitos da pesquisa

Nº de surdos	Faixa etária	Escolaridade
05	10 a 14 anos	3º ao 5º ano do Fundamental I
02	17 a 39 anos	9º ano Fundamental II
02	19 a 21 anos	2º e 3º ano de Ensino Médio

Como pode ser observado no Quadro 01, o grupo de surdos pesquisados é heterogêneo não, só no tocante à idade – a faixa etária varia entre 10 e 39 anos – como também com relação ao nível de escolaridade, desde Fundamental I até 3º ano do Ensino Médio.

Todos os surdos têm em comum o fato de terem estudado e/ou estudarem em escolas regulares ditas inclusivas no cariri paraibano. Com exceção de 03 (três) surdos, os demais também têm em comum o fato de terem tido seu primeiro contato com Libras no Curso de Extensão supracitado. Os dados de tal investigação foram coletados durante duas aulas do Curso de Extensão. Para verificar o nível de escrita em Português dos alunos utilizou-se a atividade intitulada *ditado sinalizado*. A escolha dos vocábulos utilizados seguiu os seguintes critérios: a) sinais já estudados nas aulas do curso de

Libras; e b) sinais utilizados no cotidiano escola e familiar dos alunos. Seguindo estes critérios os temas escolhidos foram: a) pessoas da família e b) material escolar.

A coleta dos dados seguiu a seguinte sequência de atividades em sala de aula. A professora sinalizou 20 (vinte) palavras, 10(dez) em cada aula. Durante a sinalização, os surdos demonstraram certa angústia, sinalizando que conheciam o item lexical. Chegavam a mostrar alguns objetos e em seguida sinalizavam: *CONHECER-NÃO NOME*. Dos nove surdos que participaram das atividades apenas uma conseguiu acertar as vinte palavras. A surda que teve esse desempenho é também a pessoa que tem maior conhecimento de Libras no grupo. Os outros dois surdos que já tinham tido um contato com Libras antes das aulas ministradas no Curso de Extensão tiveram o segundo melhor desempenho, conseguindo cada um acertar, em média, seis palavras por atividade.

Análise dos resultados

Os dados desta pesquisa ratificam a necessidade do conhecimento de uma L1 (Libras) como pré-requisito para a aprendizagem de uma L2 (Língua Portuguesa). Nesse sentido, a abordagem sócio-interacionista, representada por Vygotsky e Bakhtin (2003), entre outros, estuda a linguagem sob a ótica social e sua influência no desenvolvimento psicológico e cognitivo do indivíduo. Ademais, permite expor e explicar os danos sociais, cognitivos e emocionais causados pelo atraso de linguagem.

Pautados nesses novos estudos, e frente à realidade descrita anteriormente, supomos que o contato tardio com Libras, sua língua natural, prejudica a aprendizagem da Língua Portuguesa como L2 e que o pouco conhecimento desta língua impede e/ou dificulta o acesso as diferentes práticas de letramentos.

Em seus estudos Vygotsky, (1987) aponta a estreita relação entre pensamento e linguagem. Para o referido autor, a linguagem tem duas funções: a primeira é a de



comunicar e a segunda é de promover o pensamento generalizante. E é nesta segunda função que há uma estreita relação entre pensamento e linguagem: esta provoca um alargamento naquele e vice-versa. Senão vejamos

(...) a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vai-vem entre a palavra e o pensamento; nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência. (VYGOTSKY, 1987, p.165).

É a partir desta generalização que o indivíduo classifica e distingue as coisas que estão no mundo que o cerca. Esse processo só é possível porque partilhamos um sistema, um código que é comum a todos que participam de uma mesma comunidade, fato que possibilita a espécie humana transitar no mundo simbólico, abstrato, sair do mundo concreto, da intermediação direta através dos instrumentos para uma mediação simbólica através do signo.

Esta constatação possibilitou posteriormente que estudos ligados à área da surdez mostrassem que o déficit conceitual dos surdos não era consequência da surdez em si, mas da ausência de uma língua a qual estes pudessem adquirir naturalmente, a língua de sinais, acarretando assim um atraso cognitivo.

Estabelecendo a relação pensamento/linguagem Vygotsky, (1987, p.159) ressalta que

o significado dum palavra representa uma amálgama tão estreita de pensamento e linguagem que é difícil dizer se se trata de um fenômeno de pensamento, ou se trata de um fenômeno de linguagem. Uma palavra sem significado é um som vazio; portanto, o significado é um critério da palavra, seu componente indispensável. Pareceria portanto que poderia ser encarado como um fenômeno lingüístico. Mas do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização, um conceito. E, como as



generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos encarar o significado como um fenômeno do pensar.

É importante lembrar que a língua está no meio no social e que é através da imersão que a criança a adquire. Entretanto, internalização desta língua percorre um processo. A função primeira da língua, que é a comunicação, o acesso ao outro e as coisas de forma direta vão cedendo espaço à medida que a criança, por meio desta mesma interação, se desenvolve. E aquela fala, antes utilizada só para acessar o outro, ganha uma nova função, a de orientar a si mesmo. Surge então o discurso interno. Nesse sentido Vygotsky, (2003, p. 75) nos diz que

o discurso egocêntrico é um fenômeno de transição entre o funcionamento inter-físico e o funcionamento intra-físico, quer dizer, da atividade social e coletiva da criança para a sua atividade mais individualizada - modelo de desenvolvimento este que é comum a todas as funções psicológicas mais elevadas.

A função apenas intrapessoal da língua permite ou proporciona uma segunda função, a de relação no âmbito individual interpessoal. Todo esse processo fica prejudicado nas pessoas com surdez que não acessam a língua de sinais precocemente. Desta forma torna-se visível que a aquisição da língua é o que torna o indivíduo capaz de compreender e agir sobre o mundo na plenitude que é particular à espécie humana. Ademais, os dados desta pesquisa também nos levam a refletir sobre a inclusão para surdos, pois não esqueçamos que os nove surdos pesquisados freqüentam a escola regular.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa só comprovam os prejuízos educacionais que os surdos têm acumulado ao longo da sua escolaridade, e quanto é fundamental a aquisição de



Libras para estes sujeitos. Por outro lado, nos conduzem a alguns questionamentos quanto à inclusão da pessoa com surdez nos moldes propostos, ainda, nas escolas atuais, cujas propostas de inclusão ainda estão distantes do que se pretende como a inclusão, legalmente instituída, sobretudo no Lei 10.436/02, a qual reconhece a Libras como Língua natural dos Surdos. Ao reafirmar, no seu artigo 22, que

as instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

na verdade, apenas formaliza grande e lamentável distância entre a realidade e a tão propalada inclusão. A partir de tais inquietações, nos perguntamos: onde estão as escolas bilíngües do Cariri Paraíba? Infelizmente, elas só existem na legislação. Esperamos que tal quadro em breve possa se modificar. Este trabalho pode contribuir para tal.

Referências

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.* Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais : orientações gerais e marcos legais / Organização: Ricardo Lovatto Blattes . – 2º. ed . – Brasília (DF): MEC, SEESP, 2006. 343 p.

_____*Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais : orientações gerais e marcos legais / Organização: Ricardo Lovatto Blattes . – 2º. ed . – Brasília (DF): MEC, SEESP, 2006. 343 p.

_____*Decreto nº 5626/de 2001. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.* Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais/ Organização: Ricardo Lovatto Blattes . – 2º. ed . – Brasília (DF): MEC, SEESP, 2006. 343 p.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV) *Marxismo e Filosofia da Linguagem.* - HUCITEC 12ª Edição – 2006.

FERREIRA-BRITO, L. *Integração social & educação de surdos.* Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

GÓES, M.C.R. de. *Com quem as crianças surdas dialogam em sinais?* In: Góes, M. C. R. de., LACERDA, C.B. F. (Orgs.). *Surdez: processo educativos e subjetividade.* São Paulo: Lovise, 2000.

SOARES, M. *Letramento: Um Tema Em Três Gêneros.* São Paulo –SP: editora Autêntica 2001.

VYGOTSKY, L.S. *Obras completas: tomo cinco – Fundamentos de Defectologia.* Cuba: Pueblo y Educacion, 1997.

_____, L.S. *Pensamento e Linguagem.* São Paulo. Martins Fontes, 1987.

_____, L. S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.